

O PAPEL DA BIBLIOTECA NA ESCOLA ¹

Aparecida Alves VIEIRA²

Licencianda em Letras
IFSP/Câmpus São Paulo

RESUMO

O artigo aborda o papel da biblioteca escolar como um instrumento de ensino dentro das instituições vigentes durante o período de Regência Pedagógica, estágio desenvolvido pela Instituição Federal de São Paulo. Em busca de possíveis possibilidades de desenvolvimentos no processo educacional pedagógico, a metodologia aplicada de caráter exploratório com abordagem qualitativa tem como objetivo refletir os pontos positivos e negativos observados no ambiente escolar estadual. Foram analisadas duas escolas estaduais, junto com sua equipe de docentes e envolvidos na escala profissional educacional, além dos alunos de cada instituição de ensino. A partir da análise realizada, concluiu-se que a integração dos corpos docente e discente à biblioteca ainda é um desafio como recurso pedagógico de ensino-aprendizagem, necessitando de reestruturações e colaborações.

Palavras-chave: Biblioteca; Ensino-aprendizagem; Docentes; Leitura; Letramento.

Introdução

O ambiente escolar, público ou particular, é uma associação de trocas e renovações por parte da instituição em si e de todos seus colaboradores. O aprendizado dos educandos não está apenas sob a sua responsabilidade, mas também nas mãos de todos que estão nesse círculo estudantil, inclusive nas mãos de poderes executivos para além da instituição escolar. A experiência no estágio supervisionado fortificou essas ideias reflexivas, com várias visões possíveis: desde a entrada na sala de aula como ouvinte até a participação de reuniões pedagógicas como futura professora. A

¹ Projeto realizado sob a orientação da Profa. Dra. Alice Pereira Santos, coordenadora do projeto Residência Pedagógica, da Licenciatura em Letras – Português/IFSP São Paulo.

² Endereço eletrônico: misaotr@gmail.com

participação aconteceu em duas etapas: uma, inicialmente, fora do programa Residência Pedagógica do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), e outra, dentro do programa.

No primeiro momento de estágio, fora do programa, foi possível conhecer duas escolas bastante distintas com um público participativo: uma escola estadual e uma escola particular. No segundo momento de estágio, já dentro do programa de Residência, as atividades foram realizadas em duas escolas estaduais — uma de período integral e outra de meio período. É nesse segundo contato com as escolas estaduais que o assunto biblioteca surgiu em vários momentos, dos mais diversos possíveis, desde sua formação até a falta de uso por docentes ou pela própria instituição.

O reconhecimento da biblioteca como um ambiente escolar para ensino-aprendizagem não é visto por todos como uma facilitação no método estudantil-pedagógico nem seu uso para facilitação de pesquisas. A compreensão dos envolvidos possui inúmeras possibilidades, menos para a utilização de um ambiente para aprendizagem e processo estudantil, além dos diversos empecilhos ditos por alguns (estes vistos como uma possível problemática vinculada a vários tipos de raízes — tempo, deslocamento, sala, entre outros) que ajudaram a caracterizar esta pesquisa.

O objetivo deste artigo é mostrar, através de observações e relatos de experiência, como é visto e realizado o papel da biblioteca no ensino-aprendizagem dos alunos das instituições participantes da Residência Pedagógica observadas durante o período de estágio e como esse trajeto é feito e percorrido por educadores. Essa análise qualitativa busca trazer novos olhares para as escolas e futuros professores, aumentando sua percepção social do mundo acadêmico, desvelando a importância da biblioteca e dos possíveis melhores usos para um aproveitamento reflexivo do ambiente com a vida educacional dos alunos.

A biblioteca na escola

A etimologia da palavra biblioteca tem origem do grego, uma palavra composta (*biblion* e *theca*) que, numa tradução mais literal, é um “Depósito de livros”. Os objetivos da criação desse depósito seriam a proteção, organização e conservação dos documentos disponíveis, no intuito de que durassem anos para possíveis pesquisas e estudos. Com o tempo, a biblioteca foi ganhando novas caras e novos formatos, um

ambiente mais aconchegante para quem a utilizava, não só para estudos e pesquisas, mas também para manter o hábito de leitura. As bibliotecas também estão mais atualizadas com o *boom* da tecnologia: muitos documentos já são guardados *online*, em nuvens, DVDs, CDs, *pen drives*, memórias externas para facilitar a busca ou apenas para evitar acúmulo de espaço — não podemos negar que essa ideia é boa para que, num caso extremo de acidente, nem tudo seja perdido, mas claro que não se deve depender apenas disso, pois nenhuma máquina é de total certeza na eternidade e durabilidade.

Essa tecnologia não tirou a importância de uma biblioteca e de seus espaços reflexivos em ambientes escolares. É de suma importância para um ensino mais exploratório e crítico. Paulo Freire (1989) já havia notado esse diferencial entre os brasileiros quando cita a importância das bibliotecas para a inclusão de todos na área educacional. O educador intensificava a importância da leitura como processo de desenvolvimento para os brasileiros, tornando, assim, o sujeito mais perceptivo com relação ao seu mundo, ligando-se ao seu cotidiano. “A compreensão crítica da alfabetização, que envolve a compreensão igualmente crítica da leitura, demanda a compreensão crítica da biblioteca.” (FREIRE, 1989, p. 15).

As visões sobre a biblioteca, o que ela vem a ser e para que serve, são as mais diversas entre as pessoas, indo desde um local para leitura até um lugar para passar o tempo ou dar um respiro em seu cotidiano pessoal. Em ambos os casos, a biblioteca é repleta de novas ideias e caminhos para trilhar e de oportunidades diversas para dividir pensamentos, com outros ou consigo mesmo. Na educação popular, a aproximação de obras clássicas e modernas para a realidade do aluno pode ser feita e mediada pelo docente, criando uma ponte para a transferências de conhecimento, mas trazendo um nível de oralidade próximo aos alunos: uma adaptação de contos dos irmãos Grimm com o folclore brasileiro ou um diário feito por uma inglesa com uma narrativa mais atual do lugar que vivem no Brasil.

Freire era referência nas formas de construção de conhecimentos, aprofundando interesses com suas necessidades cotidianas, de sobrevivência, de luta, de reconhecimento próprio e social. As atividades e métodos utilizados através de uma biblioteca e toda sua atuação são “a mesma compreensão mágica da palavra escrita” (FREIRE, 1989, p. 21), ou seja, trazer todo esse poder da leitura para a realidade do

aluno trabalhando a sua compreensão de mundo através da escrita, da leitura, com toda criticidade em uma roda de leitura e seus variados pensamentos e discussões, o “espírito crítico-democrático de que tanto precisamos neste país de tão fortes tradições de arbítrio.” (FREIRE, 1989, p. 21).

A biblioteca escolar traz conhecimento, estímulo à leitura, podendo permitir novas construções dentro e fora desse espaço dinâmico. O medo de indisciplinas ou mau uso da biblioteca acaba transformando-a em uma caixa de, literalmente, guardar livros e documentos para fins específicos, como na era antiga, quando era permitido o acesso apenas para cleros e pessoas de poder aquisitivo ou intelectual, tornando-se, assim, um ambiente seletivo e privativo, podendo apagar toda forma de inclusão popular e social de quem frequenta a instituição.

A experiência nas escolas

Durante o período de estágio, foram constatadas situações positivas e negativas no desenvolvimento junto às bibliotecas das escolas. Para uma análise inicial, foram referências uma escola estadual da Zona Norte de São Paulo e uma particular da Zona Central de São Paulo — ambas feitas antes do período de Residência Pedagógica. As duas escolas tinham a biblioteca ativa, com alguém responsável dentro do ambiente e com horários específicos, mas bem distribuídos diariamente. Não havia limitações para o uso do ambiente, somente durante o horário de aula, mas era possível, para os alunos (com autorização do professor ou professora), ir à biblioteca para pegar algum livro ou o próprio pegar exemplares para utilizar em sala de aula.

Na escola da Zona Norte, a biblioteca ficava aos cuidados de um professor de português que dava aulas durante o período matutino e cuidava da biblioteca durante o vespertino. Toda a realização dentro do espaço era sob seus cuidados, desde a limpeza do local até a catalogação dos livros. Na escola particular, a biblioteca era cuidada por bibliotecárias formadas.

Na Residência Pedagógica, a situação já era diferente. A escola estadual de período integral era a que mais tinha problemas com relação a biblioteca, pois ela estava inativa. Na escola estadual de meio período há uma biblioteca ativa, porém, sem horários totalmente específicos (ficava uma ex-professora no local, porém em sua

ausência, a biblioteca ficava inativa). Em ambos casos, as bibliotecas não costumavam serem usadas pelos professores e alunos.

O primeiro foco e trabalho aconteceram na escola integral — foi realizado um programa entre os colegas da Residência para trazer a biblioteca de volta à ativa. Inicialmente, começou com dois colegas apresentando (via documentos) a importância da biblioteca para a comunidade escolar em geral, a importância da inserção do aluno no ambiente para aproveitar o processo ensino-aprendizagem e efetivações positivas com o desenvolvimento na comunicação escolar. Apresentado o programa aos professores e coordenadores, deu-se início à restauração da biblioteca; no meio do caminho foram encontrados alguns problemas.

O programa teria uma duração de seis meses, porém, concluiu-se que o período não seria suficiente, pois: a biblioteca estava com seus livros em setores diferentes do seu catálogo; não existia uma catalogação dos livros (manual ou *online*); a limpeza não era feita cotidianamente, entre outras dificuldades. O obstáculo primordial neste caso era a ausência de alguém para cuidar da biblioteca, que ficava trancada (apesar de ser por uma fechadura universal da qual todos os professores possuíam a chave — as mesmas fechadura e chave para abrir as salas de aula) o dia inteiro. Alguns alunos nem sabiam que havia uma biblioteca dentro da escola.

No primeiro semestre, tempo presencial do estágio, o trabalho ficou na realização da limpeza e arrumação dos livros dentro da biblioteca. Para chamar a atenção dos alunos e levar mais interesse para eles, realizou-se um trabalho de apresentações dos alunos, muitas de cunho próprio; o resultado foi bastante positivo e muitos alunos permaneceram interessados na biblioteca e em todo o processo cultural que poderia acontecer em outros eventos dentro da instituição. Criou-se uma intertextualidade entre o ambiente e o real, a vida dos alunos. Para o segundo semestre, não presencial, ficou encaminhada a finalização da organização do ambiente.

Com a ajuda de mais colaboradores da Residência, a biblioteca foi sendo organizada e catalogada *online*. Essa organização também foi feita com a ajuda de alguns alunos como incentivo para os mesmos, oferecendo um novo conhecimento e plano educativo para alunos e professores. A escola possui grupos de intervenção com vários assuntos e ideologias representativas, e um deles, o Clube da Leitura, foi designado ao auxílio de realizações e atividades com a biblioteca.

Dando continuação ao estágio, a segunda escola estadual atendida pela Residência Pedagógica, apesar de ter uma biblioteca ativa, esta quase não era utilizada pelos professores e alunos. Não foi preciso intervenções de organização, o ambiente já possuía uma sala de atendimento e uma sala com os livros catalogados e mesas redondas com cadeiras. Ambas as salas eram pequenas, mas compatíveis com o número de alunos presentes diariamente — apesar do número grande de aluno por sala (acima de 40 alunos), é uma escola que sofre muito com a defasagem dos discentes. O trabalho e análise nessa instituição incluíram o tipo de abordagem e comunicação entre a representante da biblioteca e os alunos, além da visão dos professores com ensino em sala de aula e biblioteca.

A representante da biblioteca era uma professora que não lecionava mais nessa instituição e tinha todo seu tempo voltado para a biblioteca, mesmo assim, não estava presente todos os dias na escola. A organização do ambiente era impecável e isso também era motivo de problemas entre ela e os alunos, pois eles não podiam ter o tato com os livros, conhecê-los, que já eram repreendidos por isso. Eles não tinham acesso direto ao acervo da biblioteca e tudo era mediado pela organizadora da biblioteca. Faltava estímulo aos alunos: o ensinar como usar os livros, como devem ser tratados, como a biblioteca funciona.

Durante o estágio, foram feitas algumas interferências didáticas em algumas salas de aula, na aula de Português do Ensino Fundamental II e o resultado foi positivo na maioria das ocorrências: alunos interessados na leitura, alunos que se prontificaram a fazer atividades, professores engajados na intertextualidade com a matéria em sala de aula. Por mais que sejam alunos do Ensino Fundamental, a leitura não deve ser ignorada, como foi notado em algumas aulas. As aulas do Ensino Médio são regadas de Literatura, mas muitos dos alunos têm um impacto notável porque vêm de um Ensino Fundamental com falta de leitura — gramática e breves contextos de leitura são o que têm à disposição na sala de aula e muitos seguindo o padrão do livro didático.

Planejamento escolar e intervenções

A análise e observação durante o período de estágio trouxe um grande número de perguntas com relação ao uso da biblioteca nas escolas: por que não é usada?; existe

algum planejamento?; a comunicação entre docentes e instituição escolar acontece?; a biblioteca fica em segundo plano porque não querem ter um peso a mais nas obrigações escolares?; a visão de incapacidade dos alunos continua assim tão forte entre alguns profissionais?

Muitas questões e problemáticas que, com o tempo, foram respondidas, algumas na própria prática. Rojo (2004) simplifica bastante a questão em seu texto sobre letramento escolar, quando diz que a leitura dentro de um ambiente escolar é vista como uma doutrinação pedagógica, que deve ser estudada e decorada, e não como uma diversificação social da cultura possível para o aluno e o seu social. Deve ser notado o aluno ao qual estamos ensinando, com o qual estamos falando: ele não tem a carga escolar que um professor tem, e o seu confinamento escolar e aplicações de castigo envolvem a leitura (“Se continuar falando, vai ler/copiar esse texto todo para me entregar”). O envolvimento com a leitura depende de toda uma compreensão e decodificação do texto, além de uma interação do leitor e o autor durante a leitura, gerando um possível discurso de infinitas réplicas dos sentidos do texto e do receptor da narrativa. Neste momento, em alguns dos casos, a intervenção do docente é aplicável para um aproveitamento melhor do discente:

Se perguntarmos a nossos alunos o que é ler na escola, possivelmente eles lhe dirão que é ler em voz alta, sozinho ou em jogral (para avaliação de fluência entendida como compreensão) e, em seguida, responder um questionário onde se deve localizar e copiar informações do texto (para avaliação de compreensão). Ou seja, somente poucas e as mais básicas das capacidades leitoras têm sido ensinadas, avaliadas e cobradas pela escola. Todas as outras são ignoradas. É o que mostram os resultados de leitura de nossos alunos em diversos exames, como o ENEM, SARESP, SAEB, PISA, tidos como altamente insuficientes para a leitura cidadã numa sociedade urbana e globalizada, altamente letrada, como a atual. (ROJO, 2004, p. 4)

O conhecimento através da leitura acaba por se perder na ausência da biblioteca e do seu uso. O respeito com os livros, a disciplina dentro do ambiente, a falta de mediação na biblioteca e sua utilização não devem ser vistos como uma barreira inviabilizadora. Freire (1989) também afirmava que o caminho aos livros é a compreensão de leitura, fugir do mecânico e sistemático, pois não existe uma leitura neutra, sem uma realidade interligada, promovendo uma dinâmica entre o ler e leitor.

Ora, a escola e a educação básica são lugares sociais de ensino-aprendizagem de conhecimento acumulado pela humanidade – informações, indicações, regras, modelos –, mas também é, fundamentalmente, de formação do sujeito social, de construção da ética e da moral, de circulação das ideologias. (ROJO, 2004, p. 7)

Todavia, devemos observar também as pessoas para além dos alunos: os docentes e colaboradores. Mesmo para um bibliotecário formado, o cotidiano pode mostrar casos de cansaço por muita incidência de problemas, pessoais ou não. Então, como podemos apontar erros em profissionais fora de sua área que são simplesmente jogados para outras atividades? Professores que estão para se aposentar, professores que são desligados da área pedagógica por problemas de saúde ou físicos, entre outras questões, e são encostados a um ambiente que poderia ser visto como mais calmo e sem problemas, mas que demanda tempo e estabilidade emocional, criam expectativas diferentes sobre esses profissionais. O ambiente escolar também pode não ser o bom exemplo para descanso mental dos docentes.

Por lei, é essencial que responsáveis das instituições escolares tenham consciência do que a escola é para os alunos, que para muitos é o local que proporciona um acesso ao estudo e ajuda na formação do sujeito cidadão, colaborando direta ou indiretamente. A biblioteca deve dispor de materiais de diferentes diretrizes, mas com um suporte aos professores para atender todos os educandos possíveis. Por se tratar de escolas estaduais, boa parte do acervo é feita pelo Estado que, mesmo sabendo da demanda nas escolas, trabalha com um número insignificante de obras e diversificações destas. O acesso aos computadores e internet também é bastante precário ainda: costumam ser poucos computadores para a demanda de alunos e sem acesso, ou com acesso instável, à internet — a tecnologia suporte dentro da biblioteca (isso pensando nesse suporte dentro das escolas analisadas, porque muitas escolas não possuem essa alternativa).

A tecnologia como suporte ajudaria educandos dessa nova geração que são bastante ligados às mídias, com relação a uma tela de imagem, seja pelo computador ou pelo celular. A facilidade que eles possuem com a organização cada vez mais ágil da informação traz também as novas formas de leituras de livros e derivados, por exemplo, no formato de PDF. A participação em fanfics (narrativas ficcionais feitas por fãs) vem

crescendo por conta do acesso à variedade de culturas além da brasileira, tanto em séries e filmes, quanto no cenário musical. Essa diversificação de gêneros discursivos encaixa-se na diversidade que temos dos brasileiros e os alunos não são indiferentes quanto a isso — a realidade na ficção e vice-versa.

Considerações finais

A biblioteca como ambiente escolar ainda é vista como possível *hobby* para tempos livres dos alunos. A fixação sobre os livros didáticos e a realização de provas vestibulares deixam muitos docentes ainda presos em práticas pedagógicas limitadas. As atividades dentro de uma biblioteca foram finalizadas com sucesso durante o estágio, mas transformar todo esse aparato em algo habitual dentro das salas de aula ainda requer planejamento escolar, principalmente com o plano docente. As análises feitas nas escolas iniciais mostraram que é possível sim trabalhar com a biblioteca como apoio para as aulas de português e, por que não, de outras matérias também. A transformação da leitura com os alunos também deve ser vista de uma forma menos mecânica, ou depósito bancário como diria Paulo Freire (1989, p. 12): “A insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada.”. Esse é ponto primordial para a estabilização da leitura na educação em sala de aula, e ao definir a leitura em aulas e tempos com os alunos, uma roda de leitura, os resultados são os mais impressionantes possíveis.

A compreensão da leitura e a implementação dela no social do aluno é outro ponto que deve ser mais aproveitado pelos professores. O ser humano é curioso por natureza. Apresentar uma obra e levá-la para o plano atual do aluno ajuda mais no entendimento da leitura. Todavia, não se deve ficar preso em interpretações únicas, de uma só leitura, de uma só voz. A formação do aluno como sujeito crítico é iniciada com uma indicação, pequenos passos de mãos dadas, formação de argumentos, dúvidas, criação de diferentes leituras e condições duvidosas para que ele cresça com uma bagagem própria, seu próprio acervo.

A biblioteca escolar, no Brasil, não consegue persistir dentro das leis pois a precariedade governamental ainda persiste, faltam: recursos financeiros, estruturas para

um bom ambiente, formação ou bonificação para os profissionais que atuam na biblioteca fora de sua área de atuação, ampliação na organização e há a complexidade das leis brasileiras de educação e o diferencial na prática escolar. O currículo escolar não tem a biblioteca como complementação de atividades em sala de aula, mas isso não é impedimento para utilizá-la e driblar as dificuldades durante o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Todos aprendem juntos, ensinando juntos e trocam conhecimentos ampliando sua forma de pensar na sociedade e incentivar a leitura através de descobertas em novos conteúdos.

Referências

FREIRE, P. **A Importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo, n. 4).

ROJO, R. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania.** São Paulo: SEE / CENP, 2004.

THE ROLE OF THE LIBRARY IN SCHOOL

ABSTRACT

The article addresses the role of the school library as a teaching tool within the institutions in charge during the Pedagogical Regency program period, internship developed by the Instituto Federal de São Paulo. The applied exploratory methodology with qualitative approach aims to reflect the positive and negative points observed in the state school's environment, looking for possible developments in the pedagogical educational process. Two state schools were analyzed, together with their teaching staff and involved in the professional educational scale, in addition to the students from each educational institution. From the analysis performed, the study concluded that the integration between teachers and students in the library is still a challenge as a pedagogical teaching-learning resource, requiring restructuring and collaboration.

Keywords: Library; Teaching-learning; Teacher; Reading; Literacy.

Envio: janeiro/2020
Aceito para publicação: junho/2020